

Maira Graciela Daniel

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 07: Neoliberalismo e Ensino Técnico-Profissional: Cenários, Impactos e Resistências

**Práticas curriculares no contexto neoliberal: a educação científica no
ensino médio e técnico**

Belém, Pará

2023





PRÁTICAS CURRICULARES NO CONTEXTO NEOLIBERAL: A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO MÉDIO E TÉCNICO

Maira Graciela Daniel¹

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar a temática da educação científica e tecnológica no contexto do Ensino Médio Técnico, utilizando o aporte teórico de análise social crítica contemporânea. A partir de breve discussão bibliográfica, apresenta-se um histórico do desenvolvimento capitalista, buscando estabelecer conexões entre as transformações econômicas neoliberais e o surgimento do conceito do sujeito capaz do empresariamento de si, bem como com os possíveis desdobramentos deste no cenário escolar do Ensino Médio Técnico. Assim sendo, as racionalidades neoliberais estruturantes do capitalismo contemporâneo sincronizam o nosso tempo histórico e tendem a estar presentes na formação do currículo escolar, fomentando determinados tipos de práticas escolares e formação de subjetividades específicas.

Palavras-chave: Neoliberalismo, Currículo, Ensino médio e técnico.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende discutir possibilidades de interpretação da temática das práticas de educação científica e tecnológica no Ensino Médio e Técnico, utilizando o aporte teórico de análise social crítica contemporânea. O objeto do presente estudo está concentrado nas práticas curriculares desenvolvidas durante o ensino médio e técnico na escola chamada Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Viera da Cunha, localizada no município de Novo

¹ Mestre em Sociologia. Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), com bolsa Proex/CAPES. Professora de Sociologia da Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Viera da Cunha (Novo Hamburgo/RS). Endereço eletrônico: mairadaniel@gmail.com.



Hamburgo, região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Essas práticas curriculares estão associadas às feiras de ciências, sendo que elas fizeram e fazem parte da história da educação brasileira e da constituição histórica da escola citada acima. A partir de breve discussão bibliográfica, apresenta-se um rápido histórico do desenvolvimento capitalista, buscando estabelecer conexões entre as transformações econômicas neoliberais e o surgimento do conceito do sujeito capaz do empresariamento de si, bem como os possíveis desdobramentos deste no cenário escolar.

I.

Vivemos o que Eric Hobsbawm chamou de ‘tempos interessantes’, lembra-nos a filósofa estadunidense Nancy Fraser no prefácio do livro *Capitalismo em debate* (2020). Interessantes pois há vasto material de análise disponível para estudiosos e, assim como a autora, compreendemos que a atualidade pode ser vista atravessada por uma crise da sociedade capitalista. E que essa crise é, acima de tudo, multidimensional, pois além de econômica, financeira é também ecológica, política e social. Em uma perspectiva problematizadora, podemos relacionar essa multidimensionalidade conjuntural há uma percepção fragmentária do tempo. Vivemos um tempo saturado de tantos tempos (ROSA, 2019; TURIN, 2019). Todos os tempos se cruzam, sofrem embates, mas qual o equilíbrio que faz com esses tempos de encontrem, se articulem e façam gerência sobre nossas vidas? Uma interpretação possível de sincronia do tempo contemporâneo é o neoliberalismo. A literatura já produziu vastas definições sobre o fenômeno da racionalidade neoliberal, podemos citar que:

“Todas ressaltam, no entanto, os profundos impactos que o neoliberalismo vem causando no tecido social, nas formas de constituição das subjetividades, na crise dos sistemas políticos. Ele abarca diferentes camadas sociais, do tecnológico ao político, do econômico ao cultural, constituindo um ‘fato social total’ e revelando-se um dos motores mais potentes de sincronização global, com suas desigualdades geopolíticas incluídas”. (TURIN, 2019, p. 18).

Para analisar a consolidação desse fenômeno e a construção da sua hegemonia social, vamos observar “como ele fala através de nós, no cotidiano em que nos sincroniza” (TURIN, 2019, p. 18)², através da observação das práticas de educação científica e tecnológica no

2 O pesquisador brasileiro Rodrigo Turin utiliza o conceito do sociólogo alemão Hartmut Rosa (2019) para interpretar a sincronização dos tempos do mundo contemporâneo. Para Rosa, a aceleração social dos últimos tempos produziu uma dessincronização estrutural entre as esferas sociais, provocando percepção pulverizada do

ensino médio e técnico. E com essa análise podemos observar quais são as consequências sobre a formação do aluno pesquisador em tempos em que o discurso do processo formativo individualizado e do empresariamento de si, se tornaram lugar comum dentro das escolas (LAVAL, 2019).

Buscando apoio em autores clássicos na teoria do pensamento sociológico, citamos a autora Nancy Fraser (2020). A autora nos lembra do caráter intrinsecamente histórico do sistema capitalista. Destaca, também, que as demandas e prioridades deste modelo emergem e se modificam ao longo do tempo. Esses momentos históricos podem ser analisados como uma trajetória reconstruída para compreender como o neoliberalismo se tornou uma força motriz central no capitalismo e sincronizadora do nosso tempo, da contemporaneidade.

Conduzindo o texto em busca de uma definição do modelo econômico observado, podemos listar

“três características definidoras do capitalismo: (1) a propriedade privada dos meios de produção e a divisão de classe entre proprietários e produtores; (2) a instituição de um mercado de trabalho livre³; (3) a dinâmica de acumulação de capital, que se ancora numa orientação à valorização do capital em oposição ao consumo, acoplada a uma orientação ao lucro, não à satisfação de necessidades”⁴. (FRASER, 2020 pg. 29)

Diferente de outras sociedades, o capitalismo mercantilizou todos os principais elementos da produção, inclusive a força de trabalho humana. O mercado de trabalho marca de modo bastante profundo, estruturante, a vida social, ele molda a gramática da nossa época. Fraser (2020) destaca que a divisão entre produção e reprodução é um produto histórico do capitalismo. Segundo suas palavras

“A atividade reprodutiva é absolutamente necessária à existência do trabalho assalariado, à acumulação de mais-valor e ao funcionamento do capitalismo como tal. Afinal, o trabalho assalariado não poderia existir nem ser explorado na ausência do trabalho doméstico, da criação das crianças, da formação escolar, do cuidado afetivo e de um conjunto de outras atividades que produzem novas gerações de

tempo histórico em um desenho de ritmos desconexos. Conforme Rosa, na introdução do livro *Aceleração*, a aceleração é “sintoma e consequência da circunstância de serem as sociedades modernas capazes de se estabilizar apenas dinamicamente, de serem sistemática e estruturalmente dispostas a crescer, transformar-se e acelerar-se sempre mais para poder conservar sua estrutura e estabilidade” (ROSA, 2019, p. X).

3 Apesar dessa definição, é importante lembrar que o capitalismo coexistiu com formas de trabalho não livre. (Fraser, 2020, p. 31).

4 Boltanski e Chiapello (2020) chamam de fórmula mínima a seguinte definição para capitalismo: “a exigência de acumulação ilimitada do capital por meios formalmente pacíficos”. (p. 35).



trabalhadores, repõem as gerações existentes e mantêm vínculos sociais e compreensões compartilhadas”. (FRASER, 2020, p. 46).

No século XX, após crises e contradições do capitalismo liberal, é somente com o final da Segunda Guerra e pós-revolução Russa, que um novo modelo de regime é vislumbrado. Um regime onde o capitalismo é administrado pelo próprio Estado, também chamado de Estado de bem-estar social, sendo que essa característica imprime um caráter político a condição de cidadania das democracias. Conforme destacam Dardot (2021),

“Eles investiram em infraestrutura, assumiram alguns dos custos da reprodução social, promoveram o pleno emprego e o consumo da classe trabalhadora, aceitaram sindicatos de trabalhadores como parceiros em negociações empresariais trilaterais, controlaram ativamente o desenvolvimento econômico, compensaram por ‘falhas no mercado’ e, de maneira geral, disciplinaram o capital para seu próprio bem.” (2021, p. 93).

Seguindo o curso histórico (Fraser, 2020), atualmente o mundo vive o que pode ser interpretado como capitalismo financeirizado. A relação entre economia e política foi transformada no atual regime. Nele, o capital financeiro passou a orientar Estados e públicos de acordo com os interesses de investidores privados⁵.

“Ironicamente, nesse regime, a capacidade do Estado é usada para construir estruturas de governança transnacionais que dão poder ao capital a fim de disciplinar cidadãos e públicos, para os quais o poder público deveria, em tese, prestar contas! Organizações para o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização Mundial do Comércio (OMC) e o acordo TRIPS (acordo sobre aspectos dos direitos de propriedade intelectual relacionados ao comércio) estabelecem muitas das regras do jogo, globalizando e liberalizando a economia mundial segundo os interesses do capital.” (FRASER, 2020, p. 93).

No capitalismo financeirizado, a dívida tem um papel importante no exercício da governança. É através dela que o capital exerce influência sobre diferentes populações, tanto do centro como da periferia do capitalismo. Da mesma forma, é através da dívida que a lógica da administração austera é imposta aos cidadãos, independente do resultado de eleições democráticas. Isso torna o contexto instável, podendo levar a crises de caráter global.

5 Ladislau Dowbor, em recente obra, destaca o fato de que no capitalismo atual a base da acumulação está associada ao rentismo. Os rentistas desenvolvem atividades não investidoras que visam somente o próprio lucro através da extração de renda econômica. Segundo o autor “O rentista moderno gosta de se qualificar como capitalista, porém está mais próximo do Mercador de Veneza, do usurário financeiro, do que do capitão de indústria do século XX”. (2022, pg. 34).

Ainda de acordo com Fraser (2020), o capitalismo configura uma ordem social institucionalizada que foi se transformando ao longo da história. “Em cada fase, as condições políticas da economia capitalista assumiram forma institucional diferente, tanto no nível do Estado-territorial quanto no âmbito geopolítico” (2020, pg. 94). As contradições políticas de cada regime mobilizaram diferentes formas de luta social. Conforme esta, a relação torna-se contínua e de um lado “temos uma massa crescente de sujeitos expropriáveis e desamparados; na outra, a diminuição das categorias de trabalhadores-cidadãos protegidos e explorados; no meio, uma figura híbrida, formalmente livre e muito vulnerável: o trabalhador-cidadão-expropriável-e-explorável⁶” (Fraser, 2020, p.127).

O surgimento desse indivíduo está associado ao processo de precarização das condições de trabalho, enfraquecimento dos sindicatos dos trabalhadores e cortes de bens públicos e serviços sociais, medidas executadas em todos os continentes, mas com mais dramaticidade nos países do capitalismo periférico, como é o caso da economia brasileira. Como aponta Fraser (2020, p.131), “o capitalismo financeirizado é um regime de expropriação universalizada”.

De forma análoga, Boltanski e Chiapello (2020) apontam para a reestruturação do capitalismo nas duas últimas décadas esteve associada aos “mercados financeiros e dos movimentos de fusão das multinacionais num contexto de políticas governamentais favoráveis em matéria fiscal, social e salarial, também foi acompanhada por fortes incentivos ao aumento da flexibilização do trabalho” (2020, p. 22).

A dupla de autores acima citados destaca um elemento de análise muito importante para a sustentação do modelo econômico. Já presente nas obras de Karl Marx e Max Weber, clássicos do pensamento sociológico e econômico, o espírito do capitalismo é o modo como é chamada “a ideologia que justifica o engajamento no capitalismo” (Boltanski e Chiapello, 2020, p. 39). Esse componente ideológico está inserido na complexa interpretação da persistência do capitalismo como condutor dos atos e do mundo vivenciado pelos indivíduos. Para os autores,

“para manter seu poder de mobilização, o capitalismo, portanto, deve obter recursos fora de si mesmo, nas crenças que, em determinado momento, tem importante poder de persuasão, nas ideologias marcantes, inclusive nas que lhe são hostis, inseridas no contexto cultural em que ele evolui”. (2020, p. 53).

6 Existem outros recortes de análise possíveis que apresentam vieses da opressão exercida pelo modelo econômico com relação as questões de raça e gênero. Judith Butler, no livro A força da não-violência, chama esses grupos historicamente preteridos e oprimidos de vidas não enlutáveis.

De acordo com eles, o novo espírito do capitalismo estaria associado aos valores individualistas, competitivos e flexibilizadores das novas estruturas empresariais em rede e promoveria a mercantilização de tudo, inclusive de nossa subjetividade.

II.

A partir do campo educacional Pinar (2016) nos lembra que no mundo contemporâneo, cercado pela racionalidade da lógica neoliberal, “a educação do público exige, acima de tudo, o cultivo da historicidade”. Ainda conforme o autor

“Implantar o currículo concebido como uma conversa subjetivamente situada e historicamente atendida significa associar o conhecimento acadêmico ao próprio indivíduo, ensinando não só o que é, por exemplo, o conhecimento histórico, mas também sugerindo suas possíveis consequências para a autoformação do indivíduo no presente histórico, permitindo que o conhecimento molde a chegada do indivíduo à forma social.” (PINAR, 2016, pg. 216).

A história da educação profissional⁷ e técnica no Brasil acompanha o processo de desenvolvimento e consolidação do país enquanto nação, principalmente no momento de industrialização e o surgimento da necessidade da existência de mão de obra minimamente qualificada para dar conta da demanda que surgia nesse contexto. Portanto, a popularização desse tipo de educação escolar esteve atrelada a constituição de um mercado profissional associado a valores de trabalho modernos, com trabalhadores civilizados e capazes de apreender valores morais e da cultura científica (SOUZA, 2008, pg. 76). Segundo Florestan Fernandes, é somente a partir da década de 1930 que se realiza, no Brasil, de forma incompleta a revolução burguesa⁸ inserindo o país na lógica de produção capitalista e no processo de industrialização.

Nesse momento de constituição de nação industrializada e com educação escolar de caráter massivo ocorre, de modo paralelo, a introdução de feiras de ciências, sendo essas

7 Conforme Ramos (2014), essa história é marcada por um caráter dual desde o seu início pois havia na organização do modelo educativo, um tipo de educação para a população mais pobre e trabalhadora e outro destinado para os filhos da população mais abastada economicamente ou da elite brasileira. Essa concepção ainda persiste no imaginário social conforme atesta a reportagem publicada no ano de 2021 no jornal de ampla circulação nacional: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2021/06/sem-politica-federal-ensino-tecnico-tem-matriculas-estagnadas.shtml>. Acessado em 29/01/2023.

8 Conceito que o autor apresenta no livro A revolução burguesa no Brasil, lançado no ano de 1974. Para Florestan, a modernização da economia brasileira não significou a superação das relações sociais e trabalhistas arcaicas, de tal forma que utiliza a expressão modernização conservadora para definir tal situação.

realizadas com objetivo de apresentação e competição entre os alunos participantes. Para trazer apontamentos sobre o histórico de surgimento dessas feiras de ciências no Brasil é importante compreender o contexto social e político em que isso ocorre.

Nos anos 50 o mundo experimentava as consequências do fim da Segunda Guerra Mundial e do corrente conflito chamado de Guerra Fria. Caracterizado como um conflito não-armado, no entanto bastante apreensivo e competitivo, foi protagonizado pelos Estados Unidos, EUA, e pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, URSS. As duas potências mundiais estendiam seus braços de influência e controle, alcançando os países vizinhos, e assim, mostravam o seu poderio de ameaça competição.

A conflito entre os dois países era explicitado de diferentes formas. Uma delas estava relacionada à corrida espacial. E, nesse embate, a URSS saiu na frente com o lançamento do satélite *Sputnik* no ano de 1957, provocando uma crise no mundo ocidental. Conforme destaca Zuliani (2009, p. 18):

“As modificações nos currículos escolares nos Estados Unidos, motivadas pelo lançamento do *Sputnik* em 1957 pelos soviéticos e a corrida pela conquista espacial entre os dois países, buscavam repensar o processo educativo em sua totalidade especificamente a educação científica. Essas modificações curriculares chegaram ao Brasil através de adaptações e traduções do que era desenvolvido nos Estados Unidos em relação ao ensino de Ciências”.

A partir desse evento, os EUA, compreendendo que o protagonismo das grandes transformações tecnológicas e sociais de um país podiam estar ligadas à educação, promoveram grandes investimentos em educação científica. Além desses incentivos, promoverem mudanças nos currículos escolares, de forma que o estudante, durante sua formação básica, tivesse acesso à educação científica, prioritariamente nas disciplinas ligadas às ciências naturais. No caso brasileiro, foi através da tradução dos manuais nos EUA produzidos que os recém-criados centros de formação de professores, espalhados em diferentes Estados brasileiros, começaram a difundir a concepção da denominada educação científica. Os centros foram criados através de ação do Ministério da Educação e estavam situados no Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e no antigo Estado da Guanabara, atualmente Rio de Janeiro.

As feiras de ciências estaduais continuaram acontecendo até o ano de 1998. Atualmente, as feiras ainda acontecem, de maneira intensa em todo o país, na América Latina e no mundo. De acordo com Mancuso (1993), cada vez mais, a ideia é interpretar a ciência

como parte de um processo, uma possível orientação no modo de pensar que pode trazer soluções para os problemas que a vida apresenta, em contraposição àquela concepção inicial de ciência positivista, que apenas reproduzia o que os manuais americanos diziam. Mancuso e Leite Filho (2006) destacam que, gradativamente, professores de outras áreas de ensino passaram a participar das feiras de ciências nas escolas.

A Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha (FETLSVC)⁹ é uma escola de ensino médio técnico. Foi oficialmente inaugurada em abril do ano de 1967. Está localizada no município de Novo Hamburgo, no bairro Primavera, no Estado do Rio Grande do Sul.

A Fundação Liberato organiza anualmente uma feira de ciências chamada *Mostra de Ciências e Tecnologia* (MOSTRATEC). No ano de 1985, a MOSTRATEC, que era voltada para os projetos da escola, passa a ter caráter estadual e foi no ano de 1990 que ela se tornou nacional, recebendo trabalhos de outras escolas do país. A partir de 1994, a feira passou a receber trabalhos de outros países, em especial da América Latina¹⁰, assumindo um caráter de feira internacional.

Nesta feira, reúnem-se jovens alunos de ensino médio de todo o mundo para apresentar seus projetos de pesquisa. Atualmente, a MOSTRATEC é considerada uma das maiores feiras de ciências da América Latina, para o nível médio de ensino, ao lado da *Feira Brasileira de Ciências e Engenharia*, FEBRACE, que acontece na cidade de São Paulo. Estas duas feiras têm caráter de competição e distribuem prêmios e bolsas de estudos aos alunos em diferentes áreas de pesquisa e, também, os credencia para participar de outras feiras de ciências nacionais e internacionais.

III.

Na percepção da existência de aproximações entre a ciência e inovação ou tecnologia, Bruno Latour será um dos autores que utiliza o termo tecnociência para compreender essa relação que aparece no mundo contemporâneo. Nesse sentido, a ciência moderna, além de um saber, é também percebida como uma atividade de natureza prática. É nesse sentido que utilizaremos o conceito da tecnociência. Nesta pesquisa, compreenderemos a tecnociência como o entrelaçamento entre os dispositivos de produção de conhecimento científico, as

9 A partir deste momento do texto irei me referir à escola apenas como Fundação Liberato.

10 FERNANDES, Ana Izabel et all. **Liberato – 50 anos de Fundação: histórias de uma trajetória.** FETLSVC, Novo Hamburgo: 2017

técnicas e o capitalismo no interior da racionalidade de governo atual. No entanto, é com o imperativo da racionalidade neoliberal que a tecnociência ganha um novo patamar, de tal forma que ela

“se configura como uma prática quase uníssona, inserida em um projeto social em que os valores dos mercados sobredeterminam princípios universalistas, dando lugar, dando lugar a uma moral fundamentada na individualização, na atomização social, movida pela volatilidade da circulação de capitais e pela formação de um senso comum narcisista e hedonista, porém, de forte componente autodestrutivo” (CHAVES, 2021, pg. 44).

A discussão sobre a tecnociência tangencia uma conexão entre o conhecimento e realidade. Para Esther Díaz, o “*ser tecnocientífico* se produz onde a racionalidade não se separa dos afetos, o conhecimento não se produz isolado dos dispositivos econômicos, a investigação não fica isenta da responsabilidade moral e o respeito pela natureza segue sendo uma assinatura pendente” (tradução nossa, pg.138). Conforme a autora, há uma evidente aproximação entre ciência e técnica desde meados do século XX e é a partir das articulações com o mercado que a tecnociência é administrada. De acordo com isso, a tecnociência é mobilizada por um conjunto de práticas (internas ou externas à pesquisa básica) que regulam a produção de conhecimento na contemporaneidade. A tecnociência, enfim, pode constituir-se como estratégia política que articula positivamente a ciência e a tecnologia às dinâmicas do capitalismo atual.

Os autores citados acima e os conceitos por eles abordados trazem a tradição de interpretação inaugurada por Michel Foucault como pano de fundo compreendendo a ciência como um regime de verdade entre outros possíveis, pois segundo o autor

“...as condições políticas, econômicas de existência não são um véu ou um obstáculo para o sujeito de conhecimento, mas aquilo através do que se formam os sujeitos de conhecimento e, por conseguinte, as relações de verdade. Só pode haver certos tipos de sujeito de conhecimento, certas ordens de verdade, certos domínios de saber a partir de condições políticas que são o solo em que se formam o sujeito, os domínios de saber e as relações de verdade”. (FOUCAULT, 2002, p.27).

A tecnociência, enquanto dispositivo¹¹, está presente nas práticas escolares desenvolvidas na educação brasileira contemporânea, em especial, relacionados ao objeto de

¹¹ O termo dispositivo está associado ao que Michel Foucault descreveu em suas obras a partir dos anos 70. Para ele, dispositivo é um conjunto diverso que abarca discursos, instituições, leis, enunciados científicos ou práticas disciplinares que configuram uma rede específica de domínios do saber e do poder. O dispositivo pode ser interpretado pela sua capacidade de produzir uma determinada ordem através de mecanismos diversificados de controle.

estudo deste trabalho. Interessa perceber as aproximações existentes entre ciência e tecnologia existente no currículo escolar. As reformas que promoveram mudanças na organização curricular do ensino médio e do ensino médio técnico nas últimas décadas buscaram uma adequação ao cenário econômico competitivo internacional. Os jovens formados nessas condições têm ou terão acesso a currículos flexíveis e atraentes e estão inseridos, na perspectiva da sociedade do conhecimento, na construção do país do futuro¹² contribuindo para o seu desenvolvimento econômico. A aproximação entre tecnociência e educação acontece pois há como objetivo atingir patamares de progresso e desenvolvimento do país. Essas políticas curriculares desenvolvidas a partir dos valores tecnocientíficos, podem ser associadas ao individualismo e a competitividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na composição desse cenário complexo de análise, temos o palco onde os sujeitos desse estudo atuam: a escola. Na disputa discursiva, a escola ocupa um papel de destaque no embate, pois forma os sujeitos contemporâneos que podem perpetuar ou não a racionalidade econômica neoliberal. É na escola que a produção de conhecimento acontece.

Os conceitos discutidos até aqui dão conta de um desenho de cenário que é fragmentado e certamente incompleto, mas que compõe a lógica de organização de uma gramática neoliberal e neoconservadora, estruturante do capitalismo atual e, portanto, constituinte do indivíduo contemporâneo (LAVAL, 2019). Por outro lado, o entrecruzamento entre a escola, ciência e economia vem de longe. A tecnociência (DÍAZ, 2007), compreendida como o entrelaçamento entre os dispositivos de produção de conhecimento científico, as técnicas e o capitalismo no interior da racionalidade de governo atual, está presente nas práticas escolares desenvolvidas na educação brasileira contemporânea. Buscamos perceber as aproximações existentes entre ciência e tecnologia existente nas práticas do currículo escolar, através das feiras de ciências.

¹² Atualmente, no Antropoceno, perdemos a evidência de futuro, pois as crises constantes se manifestam de diferentes formas e nos ameaçam, como a emergência da crise climática, as guerras, experimentos neofascistas e a própria pandemia de Covid - 19. Turin (2022) cita como marca principal da dessincronização dos tempos sociais o tensionamento existente entre os diferentes tempos presentes na nossa composição nacional, como os tempos dos povos indígenas, da população negra, das mulheres, do neoliberalismo, da elite tradicional. Diante desse desenho, o autor destaca que, a despeito de terem existido tentativas conciliatórias ao longo da história nacional, o que experimentamos hoje é um cenário de acirrada politização dos tempos.

REFERÊNCIAS

BOLTANSKI, Luc, CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.

CHAVES, Bráulio Silva. A pandemia de Covid – 19 entre a saúde pública e a tecnociência. Tecnociência e democracia em tempos de pandemia. CTS em foco. Número 2, Jan – Marc 2021. ISSN 26759764

DARDOT [et al.]. **A escolha da guerra civil**: uma outra história do neoliberalismo. São Paulo: Elefante, 2021.

DÍAZ, Esther. **Entre la tecnociência y el deseo**: la construcción de una epistemología ampliada. 1. ed. Buenos Aires: Biblos, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FRASER, Nancy. **Capitalismo em debate**: uma conversa na teoria crítica. São Paulo: Boitempo, 2020.

GOODSON, Ivor F. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2019.

HARMUT, Rosa. **Aceleração**: A transformação das estruturas temporais na Modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**. São Paulo: Boitempo, 2019.

MANCUSO, Ronaldo; LEITE FILHO, Ivo. Feira de Ciências no Brasil: uma trajetória de quatro décadas. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Programa Nacional de Apoio às Feiras de Ciências da Educação Básica FENACEB**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. P. 11 – 43.

PINAR, William. **Estudos curriculares**: ensaios selecionados. São Paulo: Cortez, 2016.

RAMOS, Marise Nogueira. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. Coleção formação pedagógica; v.5.

TURIN, Rodrigo. **Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal**. Zazie Edições, 2019. Coleção Pequena Biblioteca de Ensaios. www.zazie.com.br

ZULIANI, R. D. **Professores das séries iniciais do Ensino Fundamental e as Feiras de Ciências**, 2009, 120f. Dissertação (Mestre em Educação para a Ciência) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2009.

